

Com este trabalho pretende-se **comparar**, recorrendo aos documentos históricos ou historiográficos aqui colocados, **diferentes perspectivas** sobre 3 ideias socialistas da segunda metade do século XIX.

## ROBERT OWEN (1771-1885)



John Cranch (1845) *Retrato de Robert Owen* (pormenor)

Owen foi para New Lanark em Janeiro de 1800, depois de ter casado com Caroline Dale (filha de David Dale <sup>1</sup>), e com a convicção de que se poderia moldar o comportamento dos trabalhadores, eliminando-lhes os vícios através da disciplina, de uma supervisão severa e uma gestão baseada em princípios de justiça e bondade. A abordagem que fez a New Lanark não foi socialista; de resto, a palavra só foi usada, pela primeira vez, em 1820. Nessa altura, Owen não defendia a partilha do lucro, nem pretendia eliminar a competição, que mais tarde virá a considerar uma das causas do desemprego.

Um dos primeiros problemas que Owen identificou prendia-se com o comportamento dos operários, constantemente alcoolizados e frequentemente envolvidos em rixas e atos de roubo. As ruas e as casas estavam sujas e em mau estado de conservação. Este foi o quadro apresentado por Owen no seu *Third Essay* identificando os problemas que haviam subsistido ao filantropismo de David Dale (...). Essa realidade, aliada à vontade de solucionar a situação problemática dos operários britânicos e conjugando-a com os interesses de gestor que visava o lucro, viria a dar origem a uma utopia paternalista. Owen propôs-se erradicar o vício sem recorrer ao castigo ou a argumentos de carácter religioso, promovendo, em vez disso, um ambiente razoável de trabalho e de vida dos seus habitantes. Todavia, na realidade, foi sobretudo através de regras rigorosas que, embora relutantemente, os habitantes se viam obrigados a cumprir, que Owen inicialmente conseguiu as suas reformas. As casas tinham de ser limpas uma vez por semana e pintadas uma vez por ano. As ruas deviam ser mantidas limpas, sendo proibido atirar lixo, água suja ou deixar o gado e os cães soltos. Durante o Inverno, não era permitido andar na rua a partir das 22.30h sem autorização do responsável. Quem não autorizasse a inspeção regular das casas ou não cumprisse estas regras era banido para a parte insalubre da vila. Quem fosse apanhado alcoolizado em público, pagava uma multa. No entanto, era vendido whisky na mercearia local, que também era

---

<sup>1</sup> David Dale era um homem de negócios e banqueiro bem-sucedido, tendo feito de New Lanark uma das maiores e mais conhecidas unidades fabris do mundo. (...) David Dale era referido como o “dono paternalista de uma comunidade que atraía as atenções nacionais e internacionais, sobretudo pelo tratamento dado às crianças e indigentes” (...) A sua fortuna e as suas convicções religiosas fizeram dele um apoiante de diversas causas humanitárias, sendo as suas atitudes filantrópicas reconhecidas na época.

gerida pela administração da fábrica. Com todas estas medidas, pouco tempo depois, o ambiente passou a ser de ordem e disciplina.

Como recompensa, as classes trabalhadoras podiam gozar de conforto, tendo acesso a atividades desportivas e a distrações sadias e racionais. Ao mesmo tempo, ligavam-se afetivamente àqueles de quem dependiam, cumprindo de bom grado as tarefas. Estabeleciam-se, deste modo, laços de natureza humana que os faziam cumprir com mais empenho as tarefas que lhes competiam em prol do bem da coletividade/ comunidade. Havia uma atitude paternalista e patriarcal por parte de Robert Owen na gestão de New Lanark. O proprietário assegurava direta e pessoalmente o bem-estar dos seus trabalhadores e estes dedicavam-se-lhe de uma forma agradecida. Owen conhecia os problemas que afetavam os trabalhadores, encontrou uma solução e tinha assim o consentimento da coletividade para a sua utopia.

Porém, apesar destes ideais filantrópicos, Owen pretendia também alcançar elevadas margens de lucro: empregava crianças com dez anos de idade (embora teoricamente propusesse doze anos como idade mínima para se poder ser contratado) e a maior parte dos seus operários trabalhava as habituais catorze horas por dia, até 1816, altura em que o horário foi reduzido para doze horas e Owen propunha dez horas diárias nos seus escritos.

Na verdade, o segredo para o sucesso, do ponto de vista da rentabilidade económica do projeto, residiu sobretudo na disciplina e na organização e gestão paternalista. O desempenho dos operários era regularmente avaliado e publicitado através dos “*silent monitors*” e dos “*book of character*”, a partir dos quais se pretendia estimular a produtividade dos trabalhadores. É de salientar que, nesta fase do seu percurso, Owen aceitava ainda a competitividade que virá a considerar nefasta anos mais tarde (...).

A assistência médica continuou a ser providenciada e foi estabelecido um fundo de doença para o qual os operários contribuíam com um sexto do seu vencimento. Os trabalhadores com dificuldades podiam ainda recorrer a uma espécie de crédito por conta do salário seguinte. Foram construídas cozinhas e refeitórios públicos que providenciavam não só a possibilidade de uma melhor alimentação, como também aumentavam as condições de higiene, evitando a proliferação de doenças infecciosas responsáveis por baixas na produção e aumento da mortalidade.

Estes esforços não resultavam da mera generosidade da parte de Owen. Na verdade, a educação era paga com os lucros do armazém, apesar de os preços serem cerca de 25% mais baixos do que noutros lugares. Para além de acalmar e controlar a sua força de trabalho, estas medidas refletiam já uma vontade de experimentar aquilo a que, em 1812, Owen viria a chamar “*Formation of Character*”, tentando criar um ser humano delicado, ativo e educado. Esta força de trabalho seria moldada através da criação de um ambiente favorável. Owen não se cansava de afirmar: “[t]he character of man is, without a single exception, always formed for him” (...).

No decurso do ano de 1812, Owen começou a desentender-se com os seus sócios, que não concordavam com as suas reformas, sobretudo no que dizia respeito à educação. Começou então a empreender esforços para encontrar quem os pudesse substituir e, em 1813, munido do primeiro *Essays on the Formation of Character*, redigido em 1812 e publicado em 1813, conseguiu formar com sucesso uma sociedade com quatro dos principais membros da “*Society of Friends*”: John Walker, Joseph Fox, Joseph Foster e o mais proeminente elemento do grupo, William Allen. Este, mais tarde, viria a desencantar-se com Owen, sobretudo no que se refere às suas controversas posições relativamente à religião. A este grupo juntar-se-ia ainda Jeremy Bentham, que viria a tornar-se também sócio de Owen. Este processo completou-se em Janeiro de 1814. Owen regressou triunfantemente a New Lanark, onde foi recebido com toda a pompa e circunstância por parte dos seus trabalhadores. Uma descrição desta receção é publicada no *Glasgow Herald*, de 10 de Janeiro de 1814, do qual se destaca o seguinte excerto:

[t]here were Great rejoicings here yesterday on account of Mr. Owen's return, after his purchase of New Lanark. The Society of Free Masons at this place, with colours flying and a band of music, accompanied by almost the whole of the inhabitants, met Mr. Owen, immediately before his entrance into the burgh of Lanark, and hailed him with the loudest acclamations of joy; his people took the horses from his carriage and, a flag being placed in

front, drew him and his friends along, amid the plaudits of the surrounding multitudes, until they reached Braxfield, [...] On being set down at his own house, Mr. Owen, in a very appropriate speech, expressed his acknowledgements to his people for warmth of their attachment, [...] Mr. Owen is so justly beloved by all the inhabitants employed at New Lanark, and by people of all ranks in the neighbourhood, that a general happiness has been felt since the news arrived of his continuing a proprietor of the mills. (cit. Donnachie 2000 :108)

Esta data marcou o início de uma nova era em New Lanark. Owen foi recebido em apoteose pelos trabalhadores, provando ter ganho o seu consentimento na construção desta utopia. A partir desse momento, estaria em posição de aplicar algumas das suas ideias que viriam mais tarde a ser conhecidas como “Owenism”.

Almeida, Olga Maria de Azevedo (2010). *Utopias realizadas. Da New Lanark de Robert Owen à Vista Alegre de Pinto Basto*. Universidade do Porto. Porto. pp 30-33, em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55238/2/TESEMESOLGAALMEIDA000124431.pdf> [consultado a 21.05.2021]

### **Citações de Owen**

- O objetivo primordial e necessário de toda a existência deve ser a felicidade, mas a felicidade não pode ser obtida individualmente; é inútil esperar-se pela felicidade isolada; todos devem compartilhar dela ou então a maioria nunca será capaz de gozá-la.
- O homem é a criatura das circunstâncias.
- Nunca discuta; repita a sua afirmação.
- Você pode acreditar nisso, eles [os operários] possuem bons corações tanto para servir os homens em palácios como em cabanas.



Tournachon (1862), *Fotografia de P-J Proudhon*

Ser governado significa ser observado, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, cercado, doutrinado, admoestado, controlado, avaliado, censurado, comandado; e por criaturas que para isso não têm o direito, nem a sabedoria, nem a virtude... Ser governado significa que todo o movimento, operação ou transação que realizamos é anotada, registada, catalogado em censos, taxada, selada, avaliada monetariamente, patenteada, licenciada, autorizada, recomendada ou desaconselhada, frustrada, reformada, endireitada, corrigida.

Submeter-se ao governo significa consentir em ser tributado, treinado, redimido, explorado, monopolizado, extorquido, pressionado, mistificado, roubado; tudo isso em nome da utilidade pública e do bem comum.

Então, ao primeiro sinal de resistência, à primeira palavra de protesto, somos reprimidos, multados, desprezados, humilhados, perseguidos, empurrados, espancados, garroteados, aprisionados, fuzilados, metralhados, julgados, sentenciados, deportados, sacrificados, vendidos, traídos e, para completar, ridicularizados, escarnecidos, ultrajados e desonrados.

Isso é o governo, essa é a sua justiça e sua moralidade! ... Oh personalidade humana! Como pudeste te curvar a tamanha sujeição durante sessenta séculos?

Proudhon (1851). *Ideia geral da revolução do século XIX: escolha de estudos sobre a prática revolucionária e industrial*

O Estado, unitário por definição, impõe centralização política contra a diversidade e a pluralidade social. Ora, o aparelho de Estado deve ceder o lugar à descentralização progressiva pela sua extensão ao infinito, através de associações de trabalhadores e das federações dos grupos. Para Proudhon, a sociedade civil, meio de produção e espaço de troca, desenvolve a mudança e a pluralidade dos grupos; o equilíbrio da Justiça é dinâmico, continuamente renovado pelo surgimento de novos antagonismos, mediante o mutualismo económico e o federalismo político. É Proudhon que afirma claramente: «Afirmamos que o capital e o trabalho uma vez identificados, a sociedade subsiste por si e não tem necessidade de governo. Somos, conseqüentemente, e proclamámo-lo mais de uma vez, anarquistas. A anarquia é a condição de existência das sociedades adultas como a hierarquia é a condição das sociedades primitivas: há progresso incessante, nas sociedades humanas, da hierarquia à anarquia". O escopo é chegar a uma «anarquia positiva», onde a unidade não anule a diversidade, onde o Estado seja absorvido pela sociedade civil, reduzido a um aparelho mínimo, assegurando apenas funções de coordenação e de animação do conjunto social.

A anarquia funda-se na própria ciência social, no postulado da realidade e autonomia do ser coletivo; esta, uma das originalidades de Proudhon. Se as teorias tradicionais concebiam a

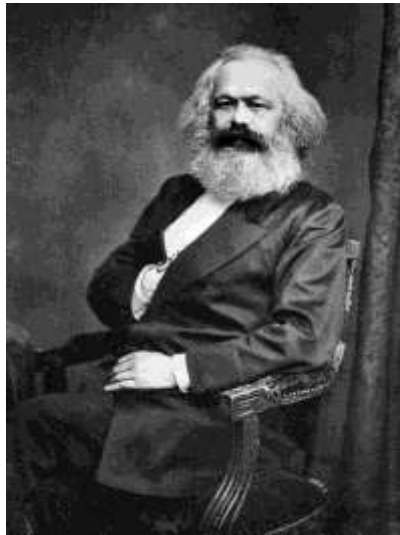
sociedade como uma entidade abstrata ou uma mera coleção de indivíduos, e não como uma realidade viva, admitiam que a unidade apenas do exterior poderia ser implementada, mediante o suporte político da autoridade; esta, pela alienação total ou parcial das liberdades, obviava à dispersão social. Ora, se a ciência social rejeita essa visão individualista e atomística da sociedade, recusa, por conseguinte, qualquer tipo de autoridade transcendente; desenvolvendo-se por si como «força coletiva», também a sociedade se deve governar por si, subsistindo por um poder imanente: «o poder está imanente na sociedade como a atração na matéria, como a Justiça no coração do homem». O anarquismo retira, pois, todas as consequências da espontaneidade e autonomia do «social», restituindo-lhe todas as suas potências": deste modo, se é verdade que a ação social ultrapassa a iniciativa individual, somente pela liberdade pessoal ela se pode realizar; a uma maior liberdade dos indivíduos corresponde uma maior autonomia dos grupos sociais.

Rocha, Acílio da Silva Estanqueiro. "Proudhon e o Federalismo", em Gama, Manuel (Organização). Proudhon. No Bicentenário do seu Nascimento, pp18-19. Universidade do Minho, Braga. 2009. Em <https://core.ac.uk/download/pdf/55610969.pdf> [consultado a 22.05.2021]

### **Citações de Proudhon**

- A anarquia é a ordem.
- O salário é um tipo de submissão.
- A propriedade é um roubo.
- Atuar é combater.
- Os jornais são os cemitérios das ideias.
- Pereça [Morra] a pátria e salve-se a humanidade.

## KARL MARX (1818–1883) e FRIEDRICH ENGELS (1820-1895)



A história de toda a sociedade até aqui é a história de lutas de classes.

[Homem] livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, burgueses de corporação e oficial, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante oposição uns aos outros, travaram uma luta ininterrupta, ora oculta ora aberta, uma luta que de cada vez acabou por uma reconfiguração revolucionária de toda a sociedade ou pelo declínio comum das classes em luta. (...)

A burguesia, pelo rápido melhoramento de todos os instrumentos de produção, pelas comunicações infinitamente facilitadas, arrasta todas as nações, mesmo as mais bárbaras, para a civilização. Os preços baratos das suas mercadorias são a artilharia pesada com que deita por terra todas as muralhas da China, com que força à capitulação o mais obstinado ódio dos bárbaros ao estrangeiro. Compele todas as nações a apropriarem o modo de produção da burguesia, se não quiserem arruinar-se; compele-as a introduzirem no seu seio a chamada civilização, i. é, a tornarem-se burguesas. Numa palavra, ela cria para si um mundo à sua própria imagem. (...)

As armas com que a burguesia deitou por terra o feudalismo viram-se agora contra a própria burguesia.

Mas a burguesia não forjou apenas as armas que lhe trazem a morte; também gerou os homens que manejarão essas armas — os operários modernos, os proletários. Na mesma medida em que a burguesia, i. é, o capital se desenvolve, nessa mesma medida desenvolve-se o proletariado, a classe dos operários modernos, os quais só vivem enquanto encontram trabalho e só encontram trabalho enquanto o seu trabalho aumenta o capital. Estes operários, que têm de se vender à peça, são uma mercadoria como qualquer outro artigo de comércio, e estão, por isso, igualmente expostos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as oscilações do mercado. (...)

O objetivo mais próximo dos comunistas é o mesmo do que o de todos os restantes partidos proletários: formação do proletariado em classe, derrubamento da dominação da burguesia, conquista do poder político pelo proletariado. (...)

O que distingue o comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa. Mas a moderna propriedade privada burguesa é a expressão última e mais consumada da geração e apropriação dos produtos que repousam em oposições de classes, na exploração de umas pelas outras. Neste sentido, os comunistas podem condensar a sua teoria numa única expressão: supressão da propriedade privada. (...)

Se o proletariado na luta contra a burguesia necessariamente se unifica em classe, por uma revolução se faz classe dominante e como classe dominante suprime violentamente as velhas relações de produção, então suprime juntamente com estas relações de produção as condições

de existência da oposição de classes, as classes em geral, e, com isto, a sua própria dominação como classe.

Marx, Karl; Engels, Friedrich (1848). *Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa. Editorial "Avante!", 1997

### **Citações de Marx**

- O caminho do inferno está pavimentado de boas intenções.
- Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência.
- Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é modificá-lo.
- A religião é o suspiro da criança acabrunhada, o coração de um mundo sem coração, assim como também o espírito de uma época sem espírito. Ela é o ópio do povo.
- Os operários não têm pátria.

### **Citações de Engels**

- Os que no regime burguês trabalham não lucram e os que lucram não trabalham.
- Não pode ser livre um povo que oprime outros povos.
- Nada ocorre na natureza de forma isolada. Cada fenómeno afeta outro e é, por seu turno, influenciado por este.